

no litoral paranaense, Matarazzo força uma parada da composição em frente a uma queda d'água em Jaguariaíva. Segundo historiadores, o faro aguçado para os negócios lhe indicou que a paragem, próxima à transição entre primeiro e segundo planaltos paranaenses, era ideal para abrigar um frigorífico e colocá-lo na concorrência com as multinacionais Swift e Armour, instaladas no país havia pouco tempo.

Enxergou ali a combinação perfeita: matéria-prima em abundância (porcos), água e a recém-construída linha férrea São Paulo-Rio Grande do Sul, para escoar a produção. Com a unidade em funcionamento pleno, a partir de 1924, a região se tornou a Meca dos porcadeiros de todo o Estado. Os leitões criados em regime extensionista, chegavam em gaiolas, nos trens, ou em verdadeiras comitivas. Os porcos do Norte Pioneiro se diferenciavam dos trazidos do Sudoeste pela marcação: enquanto os primeiros eram marcados no lombo, com ferro quente, os que viam de mais longe possuíam a identificação na orelha.

A abertura da unidade industrial em Jaguariaíva reacendeu as esperanças dos locais para a chegada do tão sonhado progresso, que custava em se tornar realidade, fosse pela péssima condições das estradas, fosse pela demora em se concluir as conexões do ramal ferroviário. A criação de porco, apesar de numerosa, demorava a dar retorno financeiro. Compradores do interior de São Paulo estabeleciam o preço que queriam, muito abaixo do justo.

Segundo o historiador Ruy Christovam Wachowski, em sua obra Norte Velho, Norte Pioneiro, produtores exclusivos do conde espalharam-se pela região. "Siqueira Campos, Joaquim Távora, Curiúva, Ibaiti, Ribeirão do Pinhal, Pinhalão etc. Em uma segunda leva, suínos de Maringá, Campo Mourão,

Apucarana e Londrina, também eram conduzidos para o frigorífico de Jaguariaíva". "Os porcos comprados dos safristas em Santo Antônio da Platina iam para Jaguariaíva de trem, embarcados em vagões gaiolas de dois andares. Quando por qualquer motivo faltavam esses vagões, os porcos seguiam de caminhão", detalha.

A capacidade de abate diário do frigorífico em Jaguariaíva era de mil suínos por dia. Por duas décadas, desde o início dos anos 1920, a indústria do porco foi a principal referência econômica da região. A nova atividade mudava também os hábitos e costumes da localidade, que experimentava uma amostra da vanguarda industrial que começava a ganhar força no Brasil no início do século 20, a exemplo do que havia ocorrido nos países desenvolvidos dois séculos antes.

Estrangeiros chegavam para trabalhar nas câmaras de resfriamento, porque segundo os locais, eles "aguentavam o frio", conforme conta a pesquisadora Ângela Brandão em seu livro 'Memórias: Frigorífico das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo em Jaguariaíva'. A indústria mexia com o imaginário dos moradores, ao ser vista toda iluminada em meio à vegetação.

A fábrica produzia a banha de porco, muito utilizada na cozinha na época, mas também fazia produtos refinados, que eram transportados nos vagões brancos, refrigerados, para as capitais e até para o exterior. A planta industrial empregava de 600 a 900 trabalhadores diretos, mas o número chegou a passar de mil nas temporadas mais fortes, registra Brandão. Tudo era produzido ali: lata, rótulos, caixaria. Até os ossos eram aproveitados; viraram botões.

Segundo registrou o historiador José Axt, a economia de Jaguariaíva na década de 1920 estava voltada à pecuária, com



**Durante o auge, mais de mil trabalhadores diretos foram empregados na fábrica de Jaguariaíva que produzia banha de porco, além de vender cortes e embutidos**

a parte baixa da cidade em pleno desenvolvimento devido à estação ferroviária. A parte alta da cidade estava praticamente desabitada. O salto populacional de Jaguariaíva passou de 3.800 para 15.965 habitantes de acordo com as estimativas do IBGE na década de 1920, número impressionante para a época.

### DECLÍNIO

A história começa a mudar nos anos 1940, com a abertura da Estrada do Cerne, que desviou a marcha do progresso para oeste, nas proximidades do Rio Tibagi. Já eram tempos de colonização do Norte Novo.

A crise se agravou com uma grande seca em 1944, que dizimou as lavouras de milho, principal alimento para a engorda dos suínos. Wachowski conta que um safrista colheu apenas 80 cargueiros de 200 alqueires de milho plantado. No ano seguinte, quando o mundo celebrava aliviado o fim da Segunda Guerra Mundial, o Norte Pioneiro amargava a temida peste suína. "De 2 mil porcos, aproveitei apenas 34", contou

o produtor ao historiador.

O sistema de safra ainda continuou incipiente, "no fundo do sertão", sem o mesmo vigor de antes. O frigorífico Matarazzo, uma das 200 plantas industriais do conde em todo o país, resistiu por um tempo, mas minguou até que, em 1964, seus herdeiros a fecharam definitivamente, dando lugar a uma unidade têxtil, que resistiu até os anos 1980.

### LEGADO

Apesar do encerramento das atividades, é consenso em Jaguariaíva que a indústria do conde Matarazzo deixou seu legado. Hoje, o prédio funciona como uma incubadora de pequenas fábricas. Wilson Junior é proprietário de uma empresa de peças de metal que atende a indústria madeireira. "A estrutura aqui é muito boa. Chegamos a montar grandes peças transportadas em três caminhões", conta. A produção atende o mercado nacional, além de demandas pontuais do exterior.

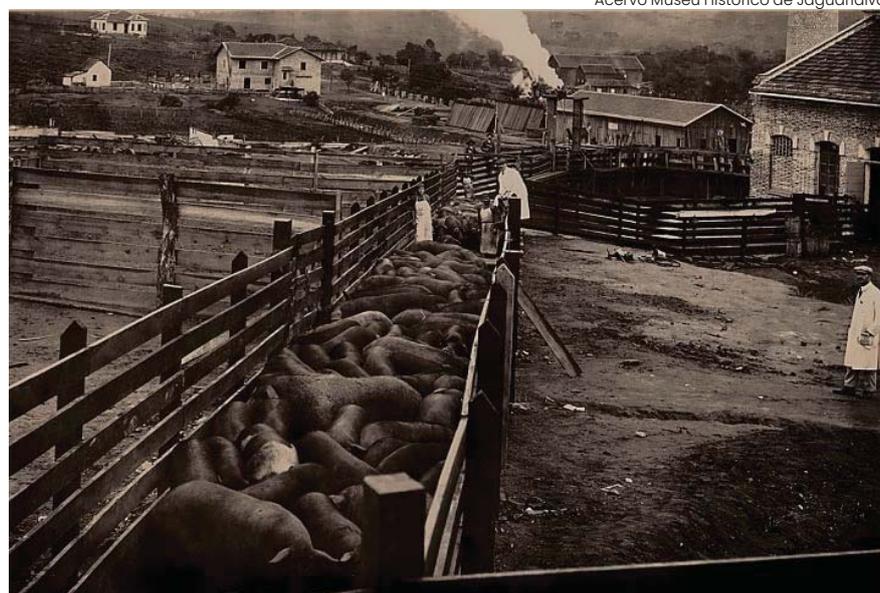
O know-how industrial se transferiu para o ramo da in-

dústria madeireira. Jaguariaíva, hoje com 35 mil habitantes, se consolidou como um dos principais pólos madeireiros do Estado. O município que abriga a B.O Paper, antiga Pisa, maior produtora de papel imprensa da América Latina, se destaca na 11ª posição nacional na produção de tora de pinus para papel e celulose, com 321 mil metros cúbicos.

Ao lado do complexo industrial Matarazzo funciona uma unidade do Senai (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial). O serviço é um dos principais responsáveis por fomentar o desenvolvimento da região, por meio de capacitação de mão de obra especializada.

Além da expertise industrial, também há o legado histórico cultural. O palacete do conde Matarazzo, construído estrategicamente em uma região próxima à fábrica, hoje abriga o Museu Histórico Municipal Conde Francisco Matarazzo. Lá o visitante pode conhecer mais sobre um dos principais expoentes da história da industrialização do interior do Estado do Paraná.

**Continua na próxima página**



**Abundância de porcos na região, disponibilidade de água e proximidade com a ferrovia despertaram o interesse de Matarazzo**



**Atualmente, antigo frigorífico abriga várias pequenas fábricas e até um cinema mantido pela Prefeitura de Jaguariaíva**

Acervo Museu Histórico de Jaguariaíva

Sergio Ranalli